



DANIELLE NO QUARTEIRÃO DO CHELSEA QUE REÚNE AS PRINCIPAIS GALERIAS DE MANHATTAN

Uma devassa nas artes

Grande colecionadora de Nova York e com surpreendente talento para escrever, Danielle Ganek lança um livro delicioso que revela os bastidores do mundo das artes de Manhattan com humor e sarcasmo Por Alexandra Forbes

“O LEILÃO COMEÇA, e eu me seguro. É um jogo solitário que faço sempre que estou aqui. Me divirto com a possibilidade de que, se coçar a orelha ou arrumar os óculos, o leiloeiro pense que estou dando um lance. O jogo fica ainda mais divertido porque isso nunca vai acontecer, já que estou no fundo, espremida entre a imprensa e outros observadores. Escolhi meu lugar com cautela. Achei que ficaria invisível ao lado de repórteres e colecionadores *wannabe*. E, daqui, posso ver tudo. Existem três grupos de pessoas sentadas nas estreitas fileiras de cadeiras à minha frente. O primeiro, claro, são os colecionadores, que ocupam bons ou maus lugares de acordo com seus recentes históricos de compra. Há os apaixonados, que se movem por desejo, e outros só com um pouco de tesão, que se divertem sem compromisso, a maioria homens de 30 ou 40 anos, novos-ricos do

de arte, sobretudo quando as cifras superam o preço estimado no catálogo, o que vem acontecendo com frequência. Se você não sabe, estamos vivendo uma bolha especulativa no mundo das artes, uma bolha parecida com a das ‘ponto com’ de uns anos atrás, que um dia vai estourar. Mas não hoje.

“Nesse terceiro grupo estão curadores e historiadores de arte; colecionadores *wannabe* e jovencinhas de minivestidos BCBG com o cabelo impecavelmente escovado, mais interessadas em arrumar um marido que comprar um vídeo de Mathew Barney a preço de banana. ‘Fair Warning’, diz o leiloeiro num inglês britânico, com leve sotaque suíço-germânico. Existem vários sotaques maravilhosos no mundo internacional das artes. O do leiloeiro é uma mistura de acentos europeus. Ele veste um terno italiano, tem costeletas grandes

e muito cabelo. É conhecido por seu olhar penetrante e fica em pé num pequeno pódio, supremo como um padre no púlpito, comandando a sala.

“Acima de sua cabeça, um painel eletrônico mostra os lances em diferentes moedas. É divertido ver os preços aparecerem em

Danielle e o marido, David Ganek, têm uma das mais importantes coleções de Manhattan, com obras de Richard Prince, Jeff Koons e Damien Hirst

mercado financeiro que se comportam como se estivessem numa tarde de compras em pleno sábado. Depois dos colecionadores, sentados um pouco atrás, vem o grupo formado por marchands, donos de galerias e *art advisers*, esses últimos profissionais pagos para gastar o dinheiro alheio. Finalmente há os simples mortais, gente como eu que está aqui apenas para olhar. É uma delícia ver os outros gastando quantias obscenas numa coisa frágil como obras

yen e euro ou libra esterlina. O lote número sete foi vendido, muito acima da estimativa. Existe uma tensão no ar que você quase pode sentir, uma combinação de ansiedade e auto-satisfação simplesmente por se estar aqui. As vendas estão indo bem, mas queria dar um fast-forward. Estou interessada em *Lulu*, tela de Jeffrey Finelli, lote número 22. O vendedor do Finelli é um colecionador chamado Martin Better, mas isso era para ser segredo. Como muitos segredos, não é bem guar-

gado. Todo mundo que é alguém sabe que Martin Better é o vendedor. Eu o vejo agora, na oitava fila, mascarando chiclete, sua esposa Lorette a seu lado, impecavelmente loira e entediada, bocejando sem constrangimento. Estou surpresa em vê-la, Lorette nunca vai a leilões, mas ela tem interesse no de hoje. Afinal, você pode comprar muitas jóias com o que pedem por um Finelli. Nos últimos quatro anos Martin Better acumulou arte como quem faz compras no supermercado, gastando US\$ 5, US\$ 10, até US\$ 30 milhões numa única peça, com o mesmo ar *nonchalant* de uma esposa que tira da prateleira uma caixa de cereais. Better é um gênio do mercado imobiliário, mas muita gente aqui acha que ele é um *hedge fund manager*, porque virou um esporte no meio das artes menosprezar todos os novos colecionadores chamando-os de *hedge fund managers*, insinuando que a única razão de estarem comprando arte é para ‘fazer dinheiro’. Better é conhecido por se arriscar – ele fez enorme fortuna no mercado imobiliário, depois começou a comprar arte. E aí nunca mais parou.

“Estamos no lote 14 quando a energia na sala muda. É hora da entrada da socialite-celebridade. Jenna Bain é mulher de um importante colecionador, Robert Bain. Sim, importante aqui é sinônimo de rico. Jenna é espetacular. Seu vestido adere em todos os lugares certos. O brilhante cabelo loiro balança suavemente conforme ela anda. Jenna acena e joga beijinhos ao entrar pelo corredor central, embora fosse bem mais simples chegar à cadeira vaga ao lado do marido pelas laterais. Robert já está sentado, e agora ele se acomoda mais ereto, sabendo que é invejado por todos os homens presentes.

“Quase imediatamente depois de Jenna Bain, chega Connie Kantor. Uma das novas colecionadoras – não, não é dinheiro de *hedge fund*, seu marido ficou rico inventando algum acessório de luxo para banheiros –, ela desce o corredor central num salto altíssimo ainda que, a exemplo de Jenna, fosse mais fácil chegar a seu assento pelas laterais. Também como Jenna, Connie acena e joga beijinhos. Seu corpo é cheio de curvas, curvas que dinheiro nenhum consegue cobrir com roupas caras e classudas. Mas ela se esforça no que parece ser um casaco de mink com capuz. Seu cabelo é muito liso, tão liso que nenhum mágico com um secador pode dar volume. Seus olhos são pequenos, mas parecem ainda menores com o excesso de maquiagem. Ela usa diamantes que dão voltas e voltas no pescoço e um ainda maior no dedo. No braço, uma Birkin Bag, da Hermès, em croco azul. Essa é uma daquelas bolsas que custam US\$ 10 mil, no mínimo, isso



O GRANDE SALÃO DA GALERIA GAGOSIAN, A MAIS PODEROSA DO CHELSEA, QUE REPRESENTA *BIG NAMES* COMO DAMIEN HIRST E TAKASHI MURAKAMI. ABAIXO, A GALERIA DE BARBARA GLADSTONE, UMA DAS QUE SERVIU DE INSPIRAÇÃO PARA O LIVRO DE DANIELLE



LANÇADO PELA PENGUIN BOOKS EM JUNHO DE 2007, O LIVRO CUSTA US\$ 23 NA AMAZON.COM



Foto: Brian Aoh/WireImage.com e Divulgação

se você conseguir chegar ao topo da lista de espera. A de croco custa ainda mais. O modelo dela é tão grande que parece ser falso, mas Connie não teria segurança para usar uma falsificada.

“Seu marido, Andrew, um tipo pequeno jogado num dos assentos da frente, sequer vira o pescoço para observar a mulher. Ele fica checando mensagens no seu “crackBerry”, olhos voltados para baixo. Nunca o vi sem o diabo do BlackBerry, ele sempre parece muito ocupado – mas pode ser que esteja apenas se divertindo com joguinhos como BrickBreaker. Mesmo assim, não tira os olhos da tela nem para ver a mulher. Andrew é o único que não observa Connie no momento. Até mesmo o leiloeiro dá uma breve pausa para olhá-la. O contraste entre Connie e Jenna Bain é cômico. Assim que Connie chega à sua fileira, jogando um beijinho para Andrew, tropeça no salto alto e cai. A queda é enorme e, da bolsona azul, caem toda a maquiagem, celular e dois absorventes. Quase engasgo no esforço para não rir. Outros na sala não se seguram. O repórter gordo ao meu lado dá uma gargalhada alta. ‘Isso aqui parece uma feira’, ele diz, vermelho de tanto rir, batendo as mãos no joelho.”

O relato acima é feito por Mia McMurray, protagonista do recém-lançado *Lulu Meets God and Doubts Him*, livro que vem sendo considerado uma espécie de *O Diabo Veste Prada* do mundo das artes, ambientado no bairro de Chelsea, em Manhattan. Mia é uma personagem de ficção, mas sua avaliação do momento de euforia por que passa o art world nova-iorquino não poderia ser mais realista: nunca se viu tanta gente comprando alucinadamente, despejando milhões em peças como uma escultura de pneu velho recortado ou balões de papel machê presos a uma cueca. Tomados por uma fissura incontrolável – a certa altura, um personagem do livro vaticina que “a arte é a nova cocaína” –, *hedge fund managers* americanos competem com bilionários russos e indianos por obras que atingem preços cada vez mais estratosféricos.

Tamanha é a fome dos colecionadores – a cada ano mais ricos e numerosos – que hoje é comum uma mostra abrir para o público já toda vendida para os bem conectados, com obras negociadas em segredo nos bastidores e tramóias dignas de livro de ficção. Danielle Ganek, autora do livro, tira sarro da voracidade do atual mercado e dos personagens que vivem dele sem resvalar no caricatural. (continua na pág. 295)

Sua Mia McMurray faz parte de uma legião de moças bonitinhas e metidinhas, recepcionistas de galerias chamadas de *gallerinas*, “(...) criaturas pretensiosas vestindo moda intelectual e salto alto, transbordando atitude e sarcasmo, fazendo cara de tédio quando visitantes pedem algo simples como a lista de preços”.

Apesar do realismo, Danielle se apressa em esclarecer que esse *Lulu* não é um *roman à clef* nem muito menos uma autobiografia. “As pessoas vivem querendo identificar quem é quem na vida real, e isso para mim é um elogio, significa que os personagens são plausíveis, parecem verdadeiros”, diz ela. “Mas não fui tão literal assim. Criei os personagens a partir de características que observei ao longo dos anos em pessoas que circulam por vernissages e galerias.” O que Danielle não conta, discreta, é que só conseguiu pintar um retrato tão fiel do mundo artístico nova-iorquino por ser, ela própria, personagem central dele. Ela e o marido, David Ganek, um *hedge fund manager* poderosíssimo, têm uma das mais importantes coleções de arte contemporânea de Manhattan. Recentemente, o casal doou um lote de fotografias de Diane Arbus para o Metropolitan Museum. Os dois são assíduos de jantares de gala beneficentes (quando não são os anfitriões), exposições e leilões. São amigos pessoais de pintores, escultores e galeristas do primeiro escalão.

Assim como Mia, Danielle tem uma queda pelo artista americano Richard Prince, famoso pelas imagens de caubóis pirateadas de velhos anúncios de Marlboro e nome hype do momento – ele foi convidado por Marc Jacobs para customizar as bolsas da coleção de verão 2008 e uma grande retrospectiva de sua obra fica em cartaz no Guggenheim de Nova York até o mês que vem. Como nota Mia quando vai a um leilão na Christie’s, Prince é “sempre uma venda fácil”. Danielle corrobora: “Sou superfã do trabalho dele, adoro a série de telas estampadas com piadas. Tenho a sorte de viver com uma delas em casa”, conta *en passant*, como se estivesse falando de uma reprodução comprada numa lojinha de museu, e não numa obra que vale pelo menos US\$ 500 mil.

Danielle tem a sorte de ter em seu apartamento, num dos endereços mais chiques de Manhattan, o 740 Park Avenue, não só esse Prince, mas também muito mais arte de primeiríssima, obras assinadas por artistas do calibre de Damien Hirst, Christopher Wool e Jeff Koons. Ela e seu marido colecionam desde que começaram a namorar, quando terminaram a faculdade, 20 anos atrás. David Ganek é dono do *hedge fund* Level Global Investors, mas parece ter interesse genuíno em arte, ao contrário do estereótipo que a própria Danielle dissemina pelas páginas do livro, do *hedge fund manager* que entra no jogo apenas pelo prazer de vencer os concorrentes ao arrematar uma peça assinada pelo artista da vez. Claro que, como todo administrador de um *hedge fund*, ele é dado a alguns excessos exibicionistas – em 2003, por exemplo, contratou ninguém menos que Ed Ruscha para pintar a palavra “level”, de Level Global, na sede de seu fundo, em Greenwich, cidadezinha em Connecticut onde mora quase toda a turma do *hedge fund* – inclusive Martin Better, o personagem cujo quadro está sendo leiloado, na cena que abre *Lulu Meets God and Doubts Him*.

Até lançar seu próprio fundo, David trabalhava para Steven Cohen, do fundo SAC Capital, o colecionador recluso que pagou US\$ 52 milhões por um Sidney Pollock e, segundo a revista inglesa *Art Review*, gastou US\$ 800 milhões em arte nos últimos anos. Algumas peças dos Ganek – caso do “diamante” rosa de aço de Jeff Koons de quase 3 metros de altura que o casal emprestou para o museu londrino Victoria & Albert – mal cabem na gigantesca sala. “Até por isso, acabamos vendendo o diamante de Koons no ano passado”, diz. O negócio deve ter rendido alguns trocados: um outro diamante da série, o azul, que dizem pertencer ao publisher Benedict Taschen, foi a leilão na Christie’s no mês passado e saiu por US\$ 11,8 milhões.

Num perfeito encontro de realidade e ficção, almocei com Danielle numa tarde de outono em Chelsea, no Il Bottino, um simpático restaurante italiano pertinho das maiores galerias da cidade, freqüentado tanto por Mia do livro como por gente das artes de carne e osso. Mignon e enxutaça para uma mãe de três filhos (Harry, Nicky e Zoe, com 12, 10 e 6 anos, respectivamente), de calça e top pretos, brincos de diamante e bolsa Kelly pendurada no braço, Danielle belisca camarões pochê, mal encosta no seu copo de Sancerre e conta, entre outras coisas, que gosta de pintar com os filhos e tem boas lembranças da infância passada em São Paulo, quando estudava na escola americana Chapel – depois se mudou para Lausanne, na Suíça, e só voltou aos Estados Unidos aos 16 anos, um pouco antes de conhecer David.

Falamos muito do boom do Chelsea, que ela considera, hoje, o centro nervoso das artes no planeta. E é mesmo. Segundo o *The New York Times*, há 12 anos o Chelsea não passava de um bairro largado, marcado por “fumaça de caminhões, manchas de óleo e galpões gigantes”, mas que agora “se transformou numa capital de comércio e arte como a cidade, e talvez o mundo, nunca tenham visto”. Graças ao dinheiro aparentemente inesgotável dos donos de *hedge funds*, o Chelsea abriga mais de 300 galerias. Depois do cafezinho, Danielle manda seu motorista num carrão preto esperar, para podermos dar um giro a pé pelo quarteirão que ela considera o essencial numa primeira visita: o da Rua 24, entre as Avenidas 10 e 11.

Primeira parada, Barbara Gladstone, galeria que como muitas outras parece um bunker cinza com vidros foscos e uma porta enorme e pesada de vidro. No livro, Mia trabalha num lugar bem parecido, sentada atrás de uma escrivaninha de aço e concreto. Na vida real, uma *gallerina* entediada que deveria nos receber com sorrisos faz cara de parede, igualzinho no livro. Passamos reto. “Não sei quem está expondo este mês, mas Barbara representa grandes nomes e é a *grande dame* do mundo das artes”, me explica Danielle. Um minuto depois, surge a própria, magra e elegantemente pálida, sobrancelhas finas e arqueadas, cabelo chanel preto. Ao avistar Ganek, cruza o salão e vem dizer oi: “Nossa, hoje não posso beber mais como antigamente!”. Risadinhas cúmplices, as duas haviam se encontrado na noite anterior, num jantar *petit comité* para Richard Prince – representado por Barbara –, celebrando a abertura de sua retrospectiva no Guggenheim.

Um parêntese: o Guggenheim, com sua arquitetura icônica e acervo repleto de *masterpieces* do século 20, é praticamente o quintal da casa de Danielle. Seu marido é um dos *trustees* (leia financiador) e foi lá que ela lançou seu livro – não é para qualquer um que o museu empresta seu espaço para noites de autógrafos. O coquetel foi seguido de um jantar para poucos e bons na casa da amiga Tory Burch (aquela estilista das sapatilhas com logo dourado, hype da estação, queridinha das novas socialites de Manhattan e namorada de Lance Armstrong).

Saindo da galeria Barbara Gladstone, demos um pulo na vizinha Marianne Boesky, outro caixotão de vidro e concreto sem placa na porta. Depois continuei o tour do quarteirão sozinha até a outra ponta, onde fica a famosíssima galeria Gagosian (na verdade, uma das cinco Gagosians), topo da lista do tem-que-ver segundo Danielle. Larry Gagosian, o dono, um californiano bonitão e grisalho, está para o mundo das artes como Alain Ducasse para a gastronomia ou Bernard Arnault, do grupo LVMH, para a moda: é o rei, o poderoso, o mais rico e mais globalizado. Representa o inglês Damien Hirst – artista vivo mais valorizado do planeta, famoso pela arte feita com remédios e o tubarão no clorofórmio –, além de outros pesos pesados. Em 2006, “roubou” Takashi Murakami (o das bolsas Vuitton) da mesma Marianne Boesky que visitei. Entro para ver uma exposição de desenhos em lápis e deslumbrantes cerâmicas de Paul Noble e sou

guiada por um vendedor surpreendentemente simpático (acho que ajudou ter fingido querer comprar uma das peças!). Pergunto por onde anda Gagosian. “Armando uma exposição na Rússia”, responde. “Ele não pára, vive entre as galerias e suas três casas”, completa o moço, que deve ter mesmo gostado de mim, tanto que até deixou eu dar uma espiadinha na área reservada, só para os íntimos, onde estão escondidos três Hirsts gigantes, provavelmente já vendidos.

Acabo meu tour, pego um táxi de volta ao mundo real e vou pensando pelo caminho numa frase que li outro dia do famoso crítico de arte Robert Hughes, da revista *Time*: “O mundo das artes é como a Disney. Só que com turistas mais magros”.